



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6390 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

Diálogos im-pertinentes sobre gênero e sexualidade no Ensino Fundamental de escolas da roça

Charles Maycon de Almeida Mota - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

Diálogos im-pertinentes sobre gênero e sexualidade no Ensino Fundamental de escolas da roça

Introdução

As discussões sobre gênero e sexualidade têm se apresentado como temática e campo de disputa, desencadeando movimentos que se colocam como possibilidades de (re)existência de sujeitos de gênero e sexualidade que vivem em territórios rurais como condição de vida instituída pelos modos de ser, pensar e agir em conformidade às maneiras que querem e acreditam. Neste sentido, entendemos que a docência no Ensino Fundamental de escolas da roça possa se constituir como um espaço fecundo de discussão e valorização dos modos de ser-viver-na-roça a partir de uma lógica outra que tencione a respeito dessa conjuntura que tenta impor controle e poder para normatizar os sujeitos.

Este texto versa sobre uma pesquisa em andamento, considerando o percurso de um processo de doutoramento que se encontra na fase de realização das primeiras entrevistas com professores/as do Ensino Fundamental, tendo sua centralidade nos processos de vida das pessoas que vivem na roça, propondo-se um movimento de compreensão e interpretação que leve em conta a subjetividade dos sujeitos. Busca-se investigar como professores/as atuam no Ensino Fundamental de escolas da roça compreendem e produzem experiências de vida-formação-profissão com a diversidade de gênero e sexualidade.

O estudo utiliza como método a Pesquisa Narrativa associada à abordagem qualitativa, estando ancorado nas bases da fenomenologia e hermenêutica por buscar interpretar o ser em seu contexto de vida e a partir dos sentidos atribuem à sua condição de existir em contextos rurais. Os dispositivos de pesquisa a serem utilizados na pesquisa são as Entrevistas narrativas e a Roda de conversa.

Narrativas que (re)velam as questões de gênero e sexualidade na escola da roça

Com os movimentos dos grupos compostos por minorias políticas em busca do reconhecimento de suas identidades para a superação das condições de marginalidade que viviam (vivem), os sujeitos foram questionando as estruturas sociais que atendiam às ideologias de grupos dominantes.

Este movimento provocou e vem provocando diversas alterações nas formas de pensar o mundo e interagir nele. De acordo aos pensamentos de Bauman (2005, p. 13) “é improvável que qualquer modelo com base num único fator seja capaz de dar conta da complexidade do ‘mundo em que se vive’ e abranger a totalidade da experiência humana”.

Tais alterações trouxeram consigo fortes tensões para o campo educacional por ser um espaço permeado por sujeitos da subjetividade com diferentes modos de ser e pensar. Muitas dessas pessoas vivenciaram processos de exclusão, estereótipos e preconceitos sendo compelidas a ocultarem suas diferenças relacionadas ao gênero e à sexualidade, pois estas questões, na maior parte das vezes, foram tomadas a partir de uma lógica binária – macho/fêmea, feminino/masculino, heterossexual/homossexual.

Então, quando os sujeitos não podem assumir e viver suas posições de gênero e sexualidade por se oporem aos princípios heteronormativos presentes na escola, vão se constituindo fronteiras nestes espaços. Segundo Louro (2008, p. 21), “o desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e, o que é ainda mais complicado, admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira”.

No Ensino Fundamental de escolas da roça, estas fronteiras estão bem presentes nestas relações, sendo demarcadas o tempo todo por elementos fundamentados em parâmetros de binarismos e sobreposições. Essas demarcações são fundamentadas em proposições que atrelam para o gênero e sexualidade a interpelação feita por um discurso instituído pela lógica da heteronormatividade.

Segundo Bhabha (2013), nestes interstícios – espaços marcados por elementos da heteronormatividade - há uma articulação entre os sujeitos da minoria para uma negociação complexa de suas diferenças. Assim, tais interstícios e fronteiras gerados pelas experiências intersubjetivas dos sujeitos de gênero e sexualidade no Ensino Fundamental na escola da roça constituem-se como “entre-lugares”, que para Bhabha (2013, p. 20) esses “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e pontos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Conforme as narrativas do professor Sebastião, há um grande receio em tocar nas questões que se referem ao gênero e sexualidade no âmbito da escola, principalmente em escolas de comunidades rurais em que as famílias ainda pressionam a escola e professores(as) no velamento dessas questões.

Eu acho que a escola não trabalha, tipo assim, pra conversar com o pai e a mãe, pois o próprio pai já não aceita. Digamos que o professor perceba o trejeito, mas o professor tem medo, não tem coragem de conversar com o pai com a mãe em relação a isso porque sabe que vai ouvir alguma coisa. O pai não vai gostar justamente por causa dessa discriminação mesmo, o pai acha que o filho não vai ser. Eu acho que os pais em vez de tomar posição, vai tipo levando, levando. De repente forma-se uma bola de neve, ele não pode mais dar jeito e não quer aceitar. O certo seria aceitar. (Sebastião, entrevista narrativa, 2019)

Uma parte considerável de professoras e professores do Ensino Fundamental tem expressado preocupação referente às várias situações geradoras de violência física e simbólica para com aqueles e aquelas que não se encontram dentro dos parâmetros da normalidade e heteronormatividade. Isso tem desencadeado inúmeras reflexões que vem resultando em

posições que são convergentes, em alguns casos, e em outros, divergem de tal modo que chega a nos trazer sentimentos de impotência diante da realidade existente.

Vale ressaltar que existem documentos e propostas educacionais que asseguram um trabalho nas escolas para a promoção de discussões e reflexões que deem centralidade às questões de gênero e sexualidade na Educação Básica, na contramão disso, temos vivenciado uma movimentação política contundente para que esses documentos e propostas, que mesmo sendo pouco tocadas nas nossas escolas, deixem de existir como uma maneira de fazer com que as lógicas colonizadoras, heterossexuais, machistas, sexistas e outras do mesmo parâmetro tomem nossos espaços de vida, reprimindo, inferiorizando e impondo para aqueles e aquelas que não cabem nessas lógicas uma vida nas fronteiras.

Neste sentido, há uma coibição das ações que tem sido promovida nos espaços escolares sobre as questões de gênero e sexualidade e demais vertentes da categoria diversidade, quando esse movimento acontece a diversidade é esvaziada, perdendo seu sentido como um princípio da formação docente. Como podemos notar nas narrativas da professora Damiana.

Essa semana mesmo tinha um menino que falava que quando ele casar não queria ter filhos, e que se tivesse filho e fosse mulher, não queria de jeito nenhum. Percebo que é coisa de casa, é coisa que os pais não esclarecem para ele que tem que respeitar o outro, não importa se for menino ou menina tem que respeitar. Isso reflete porque ainda tem aquele preconceito da parte da parte dos pais. E na escola quando a gente tenta falar, os pais já têm aquela ignorância, dizendo que ninguém precisa saber disso ainda, o filho está novo e não precisa saber dessas coisas. A gente percebe que é falta de esclarecimento. (Damiana, Entrevista narrativa, 2019)

Em meio a tudo isso que permeia o contexto, não somente no Ensino Fundamental das escolas rurais, encontram-se os sujeitos de gênero e sexualidades que vão construídos suas concepções de vida centradas nas orientações provenientes das bases heteronormativas que imperam numa sociedade composta por sujeitos das diferenças. Neste caso, é complacente a essas orientações os sujeitos de gênero e sexualidade que conseguem se enquadrar nas propostas da normatividade, mas quanto aos outros sujeitos que não se reconhecem e não se veem nos padrões dessas orientações, há um processo perverso de inferiorização e imposição dos modos de ser e viver que não favorecem a uma vida decente e digna de cada ser.

Cabe ressaltar que, por parte de professoras e professores, como Damiana e Sebastião há um (re)conhecimento da necessidade de fazer abordagens mais consistentes que possam dar conta das demandas da Educação Básica como espaço de formação social e cultural de sujeitos de gênero e sexualidade que precisam ser respeitados em suas singularidades, do jeito que pensam e querem viver e fazer com seu corpo, mas as posturas e ações de professoras e professores da Educação Básica não tem proporcionado a concretização desse (re)conhecimento.

Que tipo de professor seríamos nós hoje, se a gente não tivesse um diálogo para com essas pessoas e não aceitássemos? Porque eu tenho uma filha e, se ela tiver opção, eu vou fazer o que com minha filha? Eu vou excluir, eu vou jogar pedra? Não. Quando a gente começa a estudar, a gente começa a ver o mundo com outros olhos, a gente começa a ver que não é o que eu acho. Mesmo porque com o tempo você vai estudando, com a convivência você vai ver e pensar, poxa, como eu estava errado! Como eu agia e falava errado diante de situações como essas. Quem sou eu para julgar e para achar que a pessoa tem que mudar aquilo que é? A gente como professor tem que aceitar as pessoas. Você tem que ter uma visão diferente daquela que você tinha do mundo. (Sebastião, entrevista narrativa, 2019)

Na Atividade Complementar, essas discussões não aparecem muito. É importante aparecer essas discussões, pois a gente faz parte de uma sociedade que é diversificada. Temos que saber as coisas. Quando a gente assiste televisão percebe que há a intolerância daquelas pessoas que têm a mente fechada. Isso tem produzido na nossa sociedade a violência, com a violência a gente ver acontecer morte só pela intolerância de não aceitar o outro pelo jeito que é, e por falta de respeito ao outro. (Damiana, Entrevista narrativa, 2019)

Assim, a docência é um espaço dinâmico para (re)pensar e discutir sobre diversidade de gênero e sexualidade no Ensino Fundamental de escolas da roça, sendo aqui tratada a partir

da interculturalidade crítica que ‘dá especial atenção às diferentes visões dos educandos(as) e educadoras(es), identificando jogos de saber e poder nos contextos educativos [...], lidando com os possíveis pontos de conflito e tensão nas relações entre os sujeitos nos contextos educativos’’. (FLEURY, 2018, p.186) . Para a docência no Ensino Fundamental da roça estas questões são fundantes para articular diferentes compreensões acerca das identidades de gênero, da condição sexual e suas relações com as territorialidades rurais.

Nesse contexto, as questões de gênero são entendidas como construções discursivas, operando aqui com o conceito de performatividade a partir da Teoria *Queer*. Falar a respeito do sexo ou da sexualidade é, em muitos momentos na contemporaneidade, nos remeter a tudo que tornou esse tema um movimento permeado por um discurso atrelados a crimes e doenças, sendo reservado para os espaços em que o controle e a vigilância se façam mais presentes do que já são nos nossos espaços de vida. Vale mencionar que o controle e vigilância são mecanismos criados para atender a uma perspectiva dominante que institui uma lógica pautada no poder.

Partindo do pressuposto de que o gênero e a sexualidade são entidades construídas socialmente e reforçadas conforme o entendimento que cada sociedade tem em determinada época, os sujeitos de gênero e sexualidade que habitam os espaços rurais precisam ser compreendidos e interpretados conforme os fundamentos fenomenológicos e hermenêuticos que tomam como elemento fundamental para o entendimento dos modos de ser, fazer e viver os contextos históricos de cada pessoa, bem como, seu discurso e performatividade.

Sendo o gênero uma construção social e a sexualidade uma produção cultural, cabe evidenciar que tanto o gênero como a sexualidade são processos em constante desenvolvimento, compreendidos como elementos que vão acontecendo a partir da presentificação do ser sendo, isso implica dizer que tais entidades são incompletas e abertas, pois segue a mesma proposição das identidades que vamos constituindo ao longo de nossas vidas, por isso, não podemos entender que o gênero e a sexualidade são determinações biológicas, uma vez que é a sociedade que determina o que cabe para o masculino e para o feminino.

Sara Salin (2017) apresenta que gênero e a sexualidade são produções, onde a investigação se dá em torno do reconhecimento de que o gênero é um efeito. Desse modo, vou percebendo que há uma interpelação que constitui o gênero e a sexualidade como uma grande estratégia de manter e disseminar formas de dominação e poder em relação a estas entidades. Sendo assim, vivemos um movimento calcado numa concepção da heterossexualidade naturalizada que impõe aos sujeitos apenas uma lógica. Essa lógica, na maioria das vezes, impossibilita que vejamos o sexo, o gênero e a sexualidade por outras lentes.

Então, gênero pode ser entendido como constructo discursivo, bem como, produção e devir. Isso significa dizer que os modelos que existem para as definições de gênero, na contemporaneidade, são limitados em relação às performatividades dos sujeitos de gênero e sexualidade que habitam territórios rurais ou não.

Considerando essa limitação que há para definições de sujeitos de gênero e sexualidade, entendemos que o termo “queer” surge e se constitui numa teoria para acolher todo e qualquer modo de ser de sujeitos que viveram ou vivem nas fronteiras ou marginalidade ocasionada por uma concepção calcada nos padrões de uma heterossexualidade instituída como modelo social que oculta as diferenças, colocando os sujeitos numa única e fixa condição binária macho/fêmea, masculino/feminino.

Neste caso, o termo “queer” carrega o sentido de empoderamento de minorias excluídas e marginalizadas por viverem uma condição de gênero e sexualidade que não comungue com o padrão da heterossexualidade, como também, subverte a lógica da opressão por tomar o que

anteriormente era considerado insulto como possibilidade de afirmação identitária.

CONCLUSÃO

No Ensino Fundamental de escolas da roça, há uma demarcação de fronteiras quando se trata das questões de gênero e sexualidade, isso se instituído como assunto velado nos espaços das escolas da roça, pois professores e professoras não se sentem preparados(as) para fazer enfrentamentos necessários, apresentando timidamente algumas seus entendimentos sobre essa temática, destacando que a ausência de formação com abordagem nas questões da diversidade contribui para não avancem nessas discussões.

Vale ressaltar que o “paradigma multicultural” (IVENICKI & CANEN, 2016) poderá contribuir na construção de um espaço escolar que valoriza a diversidade e impulsiona a construção de concepções outras para a superação dos preconceitos e estereótipos por trazer em seu bojo um conjunto de crenças pautado na valorização e reconhecimento da maneira de ser, de pensar e de viver dos alunos, onde estes são vistos como protagonistas.

Diante dos elementos que compõem a ideia do paradigma multicultural, trazemos a possibilidade deste ser tomado em contexto de diversidade, como uma maneira de revisarmos os modelos instituídos no decorrer de nossa formação para (re)pensar nossas experiências de vida-formação.

Vivemos uma sexualidade ilegítima e, por isso, reinscrevemos nossa história de vida a partir de uma narratividade que considera os modos de ser como possibilidades de eleger condições para o respeito aos sujeitos de gênero e sexualidade em contextos rurais, isso aparece como perspectivas outras de superação, resistência e insistência que são produzidas pelas pessoas que vivem na roça e não conseguem se enquadrar nos padrões heteronormativos instituídos nestes espaços.

Conforme possibilidade de reinscrever nossas histórias a partir de perspectivas outras que não tenham imposições dos padrões heteronormativos, seremos desafiados a nos lançar numa aventura da inconstância e do desconhecido, em que, será importante o entendimento de que nossas certezas e verdades construídas até o presente momento a respeito de gênero e sexualidade não tem validade alguma, pois tudo que aprendemos sobre essas questões se apresentam contraditoriamente ao que muitos corpos e suas performatividades (re)velam.

Pensamos que diante do movimento de construções sociais e entendimentos a respeito do gênero e sexualidade está sempre aberto e incompleto, pois está relacionado aos mesmos elementos que congregam para a construção de nossas identidades. Neste contexto que pretendo apresentar discussões e reflexões em torno dessas questões em que são muitos os entendimentos a seu respeito, onde muita coisa é equivocada e não condiz com as proposições teóricas e, muito menos com os modos de ser e viver o gênero e a sexualidade na contemporaneidade, considerando os sujeitos que habitam os espaços rurais e tudo que vivem e o constituem neste lugar.

Pensar uma política de identidade de gênero que considere os sujeitos de gênero e sexualidade e seus modos de ser e viver como querem e acreditam, requer compreender o jogo de poder que a sociedade propõe, isso também nos ajudará a perceber de que lugar uma teoria queer (SALIN, 2017) precisa ser entendida.

Por compreender que somos sujeitos do discurso, da performatividade, portanto, sujeitos de linguagem, é importante reiterar, também, que o gênero (corpo) é efeito do desejo e atende a variados modos que está dentro de um parâmetro constituído por aquilo que havíamos desejado para nossa condição de ser, encontra-se fundamentado numa organização do

discurso e da lei. Nisso, os sujeitos vão transitando e construindo o(s) gênero(s) que conseguem e compreendem como condição de vida a partir de uma estrutura imaginada ou incorporada/encenada.

O gênero ao qual nos identificamos e que incorporamos é um processo construído conforme nossos desejos que congregam com aquilo que queremos ser. Desse modo, tais desejos podem ser negados ou afirmados, vai depender do que queremos expressar com nossos corpos e comportamentos, uma vez que “[...] os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2018, p.195). Sendo assim, o gênero passa a ser compreendido pela performatividade exercida a partir do discurso e da interpelação que acontece com os sujeitos.

Cabe mencionar que são inúmeras as proposições para uma compreensão do que os estudos de gênero podem nos apresentar, significando que cada base teórica tem seu fundamento e atende à posições políticas e discursivas de diferentes modos.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**; Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação Intercultural e formação de educadores**. João Pessoa: Editora CCTA, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**. v. 19, n. 2, maio/ago. 2008. p. 17 – 23.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser ou não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

SALIN, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. **Tradução Guacira Louro**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.